

ESPAÇOS LITERÁRIOS E TRAJETÓRIAS INTELLECTUAIS NA BAHIA (1880-1920)

LITERARY SPACES AND INTELLECTUAL TRAJECTORIES IN BAHIA (1880-1920)

ESPACES LITTÉRAIRES ET TRAJECTOIRES INTELLECTUELS À BAHIA (1880-1920)

ESPACIOS LITERARIOS Y TRADICIONES INTELLECTUALES EN BAHIA (1880-1920)

Cecília Sepúlveda

Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador da Bahia, Brasil

Paulo Cesar Alves

Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador da Bahia, Brasil

RESUMO: O artigo tem por principal objetivo explorar o significado de “espaço literário” como um componente fundamental do “mundo da literatura” (diferentes práticas sociais que possibilitam o fenômeno literário). Esses espaços são constituídos através de redes de sociabilidade, cujos membros compartilham certos interesses comuns. Conferem “visibilidade social” aos escritores e geram diferentes públicos, com morfologias, comportamentos, motivações e emoções específicas. Mais especificamente, analisamos a trajetória de cinco intelectuais/literatos baianos nos espaços criados em Salvador na passagem do século XIX para o XX: Manuel Querino, Xavier Marques, Anna Ribeiro Bittencourt, Silva Lima e José Manuel Cardoso de Oliveira.

Palavras-chave: espaço intelectual/literário, trajetórias literárias, modernidade baiana.

ABSTRACT: The paper aims to explore the meaning of “literary space”, as a main component of the “the world of literature” (different social practices that enable the literary phenomenon). Literary spaces are constructed through networks of sociability whose participants share certain common interests. They grant social visibility to writers and generate different publics, characterized by specific morphologies, behaviours, motivations and emotions. The concept of literary space is used here to analyse the trajectory of five Bahian intellectuals/writers in the city of Salvador during the turn of the 19th century: Manuel Querino, Xavier Marques, Anna Ribeiro Bittencourt, Silva Lima e José Manuel Cardoso de Oliveira.

Keywords: literary/intellectual space, literary trajectories, Bahian modernity.

RÉSUMÉ: L’objectif principal poursuivi dans cet article est d’exploiter la signification du terme “espace littéraire” en tant que composant fondamental du “monde de la littérature” (différentes pratiques sociales qui engendrent le phénomène littéraire). Ces espaces sont constitués par le biais de réseaux de sociabilité, dont les membres partagent certains intérêts. Ils pourvoient les écrivains d’une « visibilité sociale » et donnent naissance à différents publics aux morphologies, comportements, motivations et émotions spécifiques. Nous analysons plus particulièrement la trajectoire de cinq intellectuels/écrivains bahianais au sein des espaces créés à Salvador au tournant des XIXème et XXème siècle : Manuel Querino, Xavier Marques, Anna Ribeiro Bittencourt, Silva Lima et José Manuel Cardoso de Oliveira.

Mots-clés: espace intellectuel/littéraire, trajectoires littéraires, modernité bahianaise.

RESUMEN: El artículo tiene como objetivo principal explorar el significado de “espacio literario” como un componente fundamental del “mundo de la literatura” (diferentes prácticas sociales que hacen posible el fenómeno literario). Esos espacios son constituídos por medio de redes de sociabilidad, cuyos miembros comparten algunos intereses comunes. Otorgan “visibilidad social” a los escritores y generan diferentes públicos, con morfologías, comportamientos, motivaciones y emociones específicas. Más específicamente, analizamos la trayectoria de cinco

intelectuales/literatos bahianos en los espacios creados en Salvador entre finales del siglo XIX e inicios del XX: Manuel Querino, Xavier Marques, Anna Ribeiro Bittencourt, Silva Lima e José Manuel Cardoso de Oliveira.

Palabras-clave: espacio intelectual/literario, trayectorias literarias, modernidad bahiana.

1. Introdução

A partir dos fins do século XX, parte significativa das pesquisas na área da sociologia da literatura tem tomado como seu objeto de estudo o que podemos denominar de “mundo da literatura”⁶¹. Utilizamos aqui esse termo para designar as associações construídas entre autores, recepção, público, agrupamentos, divulgação e mercantilização da obra literária. Assim, o “mundo da literatura” é constituído por diferentes práticas, significados, estilos cognitivos e materialidades que compõem o fenômeno literário. O foco de atenção da sociologia da literatura não se limita, portanto, a questões de “textualidade”, de enunciados contidos no texto como um produto acabado, uma sequência verbal investida de sentido e sintaticamente completa (como tradicionalmente tem sido estudada pela filosofia, semiologia ou pela crítica literária). Como argumenta Nathalie Heinich (2008: 56), a sociologia rompeu “com a ideia primitiva de uma exterioridade do ‘social’ em relação à ‘arte’, que eximiria os próprios artistas de qualquer preocupação que não a estética”.

Sendo constituído por movimentos específicos de associação entre práticas heterogêneas - práticas que são perpassadas por interesses, abastecidas por discursos, retóricas, relações de poder, que sofrem os efeitos de acontecimentos diversos - o “mundo da literatura” se constitui pelo envolvimento de diferentes fluxos de competência, instrumentos, estratégias, investimentos e mediações (tudo o que intervém entre uma obra e sua recepção). Um mundo essencialmente plural, resultado de múltiplos efeitos de redes sócio-técnicas que envolvem fluxos de comunicação, públicas, convenções, controvérsias, recursos mobilizados, espaços de atividades intelectuais para criação e divulgação de cultura, vigências intelectuais (de costumes, modismos, valores, ideias). Nesse sentido, pesquisar o “mundo da literatura” requer uma atenção especial às constituições de vínculos sociais, às práticas e suas repercussões.

Um componente importante no “mundo da literatura” diz respeito à constituição de “espaços literários”, como associações, confrarias, academias, jornais, livrarias. O conceito de “espaço literário” não está restrito à ideia de extensão, de aproximações e afastamentos entre sujeitos ou coisas, como no sentido euclidiano, mas a uma esfera de relação (“práticas encaixadas”) ou coexistência entre diferentes trajetórias de atores ligados por interesses “intelectuais e literários”. Conexões entre sujeitos heterogêneos que podem estar distantes em termos de

⁶¹ O termo “mundo da literatura” é de Mary Rogers. Conforme Rogers (1991), esse conceito diz respeito aos processos intersubjetivos de comunicação e ação social produzidos pelos escritores e seus leitores. O foco de interesse volta-se para “as variedades de linguagem, formas e ações sociais que fazem a literatura um mundo cujos participantes exibem diferentes estilos cognitivos” (1991: 14). Howard Becker utilizou o termo “mundo da arte” para significar “a rede de pessoas cuja atividade cooperativa, organizada através de seu conhecimento conjunto dos meios convencionais de fazer coisas, produz o tipo de trabalhos artísticos que caracterizam o mundo da arte” (Becker, 2008:10).

espaço euclidiano. Assim, em vez de tratar o espaço como entidades/identidades já constituídas, a geógrafa inglesa Doreen Massey (2013) define espaço a partir de três proposições básicas. A primeira é a de que todo espaço é produto de interações e, portanto, está sempre em construção. Logo, a formação e manutenção de um espaço é um processo temporal. A segunda proposição parte do princípio de que o espaço, sendo inseparável da multiplicidade, está baseado na existência da pluralidade. Assim, precisamente por ser produto de relações, por exigir negociação, o espacial é sempre político (terceira proposição).

Os espaços intelectuais-literários são, portanto, fluídos e instáveis. São “abertos” e nos quais novas relações estão sempre a surgir (seja pelo acréscimo, subtração, reposicionamentos de elementos já existentes). Esses espaços constituem redes de sociabilidade, cujos membros compartilham certos interesses comuns. São grupos de apoio e de choque entre rivais. Conferem “visibilidade social” aos escritores e geram diferentes públicos, com morfologias, comportamentos, motivações e emoções específicas. São justamente nesses processos de aparição que o literato desenvolve conhecimentos, discute sua obra, comenta acontecimentos, dialoga com outros. Em síntese, o conceito de “espaço intelectual-literário” nos revela as formas pelas quais os literatos atuam perante o público. Fundamentalmente, nos revela os processos de institucionalização do imaginário literário, construído e consumido por um público específico.

O objetivo do presente artigo é identificar alguns dos principais espaços intelectuais-literários da Bahia (Brasil) nas três primeiras décadas do século XX. Nesse período, as confrarias e os seus critérios de distinção (como os grêmios literários, as Ligas Católica), a Academia Baiana de Letras, o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, as Faculdades de Direito e Medicina, os jornais e editores, conferiram aos escritores auditórios, públicos e prestígios intelectuais. Mais especificamente, procuramos analisar as trajetórias de cinco intelectuais/literatos baianos por esses espaços. São eles: o médico Silva Lima (1826-1910); Anna Ribeiro Bittencourt (1844-1930), filha de aristocrata açucareiro; o licenciado em Desenho Geométrico, político e afrodescendente, Manuel Querino (1851-1923); o jornalista e político Xavier Marques (1861-1942); o advogado e diplomata José Manuel Cardoso de Oliveira (1865-1962).

Esses cinco autores baianos tiveram vidas bastante distintas, tanto em termos das suas origens étnica e social, como em termos de suas trajetórias profissionais e intelectuais. Compartilharam, contudo, de experiências relacionadas ao movimento intelectual da época, à modernização urbana e às transformações sociais ocorridas com a abolição da escravidão e inícios da República. As suas obras literárias, tecidas nas primeiras décadas do século XX, tratam, direta ou indiretamente, da Bahia do século XIX. Através das suas memórias, ensaios e romances, esses escritores intervêm, ponderaram e criticaram questões da “modernidade”, legitimando

posições políticas (e não necessariamente teóricas). Nesse aspecto, foram “portavozes” da opinião pública.

2. Cenários e espaços literários

Nos fins do século XIX, o Brasil vivenciou o advento da República, a transição da economia escravista para o regime de trabalho livre, o crescimento populacional, a urbanização, a imigração, a modernização institucional, o incremento tecnológico (transporte públicos, correio, telégrafo, iluminação elétrica, imprensa). Nesse contexto, como observa Sepúlveda (2014: 18):

A República nasceu como uma incógnita, para a qual confluíam projeções diversas: ora espelhava os anseios de igualitarismo e cidadania vislumbrados no rompimento da estrutura aristocrática — última barreira à mobilidade social dos excluídos que seriam agora agraciados com o acesso à educação e aos modos de inclusão, através do trabalho assalariado — ora encarnava a manifestação viva da modernidade e da civilização, estágio inevitável da evolução determinada pela lei da História — a superação da cultura colonial que se perpetuava no Império em práticas e rituais mestiços, forjados na acomodação do catolicismo ibérico popular às apropriações sincréticas da religiosidade africana e ameríndia, e pela permeabilidade de um processo de dominação que previa a assimilação da cultura do dominado, mesmo que na posição de subalterno. A República prolonga a dinâmica de modernização conservadora (aberta pelo projeto civilizatório do Império) que articulou o desenvolvimento do meio urbano à hierarquização social de base aristocrática. Além do mais, a Primeira República (1889-1930) quebra o projeto nacional hegemônico e unificador do Estado, em favor de um consórcio de poderes regionais.

Rio de Janeiro, capital do país, inicia o século XX com reformas urbanas promovidas pelo presidente Rodrigues Alves (1902-1906). As propostas reformistas prosseguem em alguns outros centros urbano, como Salvador. Nas primeiras três décadas do XX, a Bahia (Salvador, principalmente) passou por um processo significativo de transformações no cenário urbano. Emergem novas formas de sociabilidades, novas paisagens, novos espaços. As principais reformas urbanas em Salvador foram feitas na segunda década desse século, no governo de J.J. Seabra, eleito em 1912 após tumultuada disputa política, em cujo desfecho ocorre um bombardeio a própria cidade. Com as reformas vêm as demolições, as desapropriações e remoção da população pobre para áreas distantes do centro da cidade, a especulação imobiliária (Pinheiro, 2002; Cardoso, 1991). Salvador passa a tomar feições de uma “metrópole”, um marco fundamental no processo civilizatório (progresso), no qual Paris foi um emblema. Parafraseando Figueiredo Pimentel, “Salvador civilizava-se”⁶².

⁶² Figueiredo Pimentel (1869-1914) foi poeta, romancista, professor e jornalista. Era o exemplo do “homem civilizado”. Elegante; atento a última moda. Vestia roupas cortadas pela alfaiataria do

As mudanças sociais ocorridas na época possibilitaram e incentivaram aplausos, desafios ou confrontos com as questões da “modernidade”. Os intelectuais-literatos baianos, contudo, não se mostravam em pleno acordo ao diagnosticar as transformações urbanas que ocorriam em Salvador, vistas como um misto de admiração, louvor, assombro, inquietude, melancolia, incertezas. Exemplos são as memórias de Silva Lima, *A Bahia de há 66 anos: reminiscências de um contemporâneo* (publicadas em 1907) e de Anna Bittencourt, *Longos Serões do Campo* (caderno escrito por volta de 1920, quando a autora tinha aproximadamente 80 anos e publicado em livro em 1992); os estudos históricos e de tradições baianas produzidos por Manuel Querino (como *A Bahia de outrora*, série de crônicas do *Jornal de Notícias*, de março de 1913 a dezembro de 1915, reunidas em livro publicado em 1916) e, no campo da ficção, “*Boto e Cia*” (1897), republicado em 1922 como *O Feiticeiro* de Xavier Marques e *Dois Metros e Cinco: costumes brasileiros* (1905) de José Manuel Cardoso de Oliveira. Todas essas obras lidam com questões relacionadas à herança arquitetônica e urbanística da colônia; às construções deterioradas de casas e ruas; aos aspectos pitorescos ou positivos da cidade; aos hábitos, interações e práticas existentes; aos eventos e diversões populares e religiosas (alguns deles já extintos ou que perderam a sua importância a partir do processo de modernização desencadeado nos inícios da República). Rememoram acontecimentos do passado, os quais são usualmente vistos como sinais de “grandeza”.

Daí a elaboração de narrativas de memória e de história que mostravam a Bahia a desempenhar um papel decisivo nos momentos cruciais da história nacional; a exercer uma importante função econômica, contribuindo regularmente – em certos contextos, inclusive com primazia – para a riqueza da nação (Leite & Freitas, 1996: 399). É importante também observar que a incorporação de princípios evolucionistas (um pressuposto filosófico subjacente na produção intelectual da época) sustentou o entendimento de que seria necessário imprimir maior velocidade para alcançar o progresso, a civilização, e para superar o atraso e as desigualdades. Assegurar um lugar proeminente na corrida pelos trilhos do progresso requeria o desenvolvimento de um “olhar científico”, do “refinamento dos costumes” e da mobilização das vontades coletivas capaz de superar o “passado” e de estabelecer uma modernidade homogeneizadora. Há, nessas obras, um ideal de “conquista”, de “esforço civilizatório”. E o literato é visto, por amplos setores da sociedade, como “porta-voz” desses novos ideais (Velloso, 1996).

Na passagem do século XIX para o XX, embora houvesse um grande número de analfabetos (mais de 70% da população), a palavra escrita passou a assumir, cada

Almeida Rabelo (rua do Ouvidor), calçava-se no “Incroyable”, usava camisas da “Casa Coulon” e praticava o “Five-o-clock – tea” nas rodas elegantes em Botafogo e Laranjeiras (Rio de Janeiro). Além do seu estilo e comportamento, ficou também famoso pela frase “O Rio civiliza-se”, criada na sua coluna social “Binóculo”, na prestigiosa *Gazeta de Notícias* (Meade, 1997).

vez mais, um papel importante na vida social. Setores médios da população passaram a ter maior acesso à produção escrita. Encontraram na literatura um meio mais ameno para satisfazer seus desejos, adquirir hábitos mais “civilizados” e estar mais afinados com a moda internacional. A literatura alcançou um prestígio significativo na Bahia dos princípios do século XX. E, como acontecia em outros grandes centros urbanos do país, o literato passou a ser visto, cada vez mais, como um intrépido defensor do “progresso”, um agente social preocupado com questões relativas aos valores, à busca de sentido para as ações e acontecimentos humanos (Machado Neto, 1973; Miceli, 2001; Needell, 1993). O literato estava comprometido com uma “missão” (Sevcenko, 1995).

A popularidade da literatura em Salvador pode ser avaliada pelo número de agremiações, associações estudantis, academias, reuniões, revistas, jornais, torneios poéticos e o uso rotineiro de formas literárias nos convites, nos álbuns de família, nas propagandas, reclames ou “a pedidos” nos jornais. São criados vários espaços intelectuais-literários: a Faculdade Livre de Direito (1891); o IGHB - Instituto Geográfico Histórico (1894); a ALB - Academia de Letras da Bahia (1917); as agremiações literárias, como a “Tertúlia das Letras (1900), “Nova Cruzada” (1901) e “Ateneida Baiana” (1906). Espaços onde podia-se ver e ser visto; onde os comentários sobre acontecimentos e novidades eram entrelaçados com elogios e polêmicas, até mesmo com sátiras e perfídias. Locais em que se instituíam tanto uma estética literária quanto uma ética de conduta. Locais onde se consumia uma literatura de sociabilidade, usualmente preocupada com os modismos, em cultuar prestígios e legitimar estilos e gostos literários. Mas, é importante observar, são fundamentalmente agrupamentos sempre em processos de realização, instáveis, fluídos, cuja condução requer ação, trabalho, investimento por parte de seus membros.

Formados por agrupamentos entre diferentes atores, esses espaços propiciavam um “clima de debate” e, com isso, “criavam” um público - um agrupamento de pessoas que compartilhavam valores e se sentiam expressos pelos discursos e condutas dos seus porta-vozes (Dewey, 2004). Público, como observou Gabriel Tarde em “A opinião e a multidão” (publicado originalmente em 1901), “é, juntamente com a simultaneidade da sua convicção ou da sua paixão, a consciência que cada um possui de que uma ideia ou uma vontade é partilhada no mesmo momento por um grande número de outros homens” (Tarde, s/d: 12).

O prestígio desses agrupamentos – principalmente o jornalismo, o IGHB, a ALB – assegurava aos seus membros honrarias relacionadas ao saber e à cultura letrada. Espaços, portanto, que possibilitavam a promoção pessoal e a projeção intelectual. Nesse sentido, facilitavam o acesso ao jornal como um veículo para a publicação dos seus trabalhos literários. O jornal era um espaço privilegiado tanto para a afirmação do trabalho intelectual quanto para a consolidação profissional do

escritor, embora auferisse pouco ganhos financeiros. Em uma época em que o número de editoras de obras literárias era escassa, o jornal ocupava uma posição importante como principal meio de divulgação do produto literário. Geralmente, antes de estabelecerem os elos necessários para publicar suas obras em formato de livro, os literatos conseguiram pautas nos jornais. Muitas das suas obras foram inicialmente publicadas nos “folhetins”. Nesse aspecto, o escritor “testava” a recepção dos seus trabalhos pelo público, obtendo com isso abertura para as casas editoriais. Como chama atenção Machado Neto (1973: 90), o jornal foi o primeiro *mass media* experimentado em nosso meio intelectual. Inaugurou um público mais denso, mais extenso, mais palpável.

O crescimento do jornal deu maior visibilidade a palavra pública, acarretou uma maior diversificação do público consumidor, ampliou o número de pessoas que estavam convictas de possuir ideias e valores compartilhados por outros. Como observa Gabriel Tarde (s/d: 48):

Desde os progressos da imprensa, é cada vez menos com pessoas determinadas, e cada vez mais com as colectividades a que se dirigem os jornais, que estabelecemos relações de todo o tipo, que nos deixamos comprometer comercialmente pela publicidade, politicamente pelos programas eleitorais.

O leitor de um jornal, diz Tarde (s/d: 23) “dispõe mais da sua liberdade de espírito que o indivíduo perdido e arrastado na multidão. Tem tempo para refletir sobre o que lê (...) Por outro lado, o jornalista procura agradar-lhe e cativá-lo (...)”. No início do século XX, circulavam em Salvador vários jornais, muitos deles vinculados às causas políticas, outros de caráter mais “noticioso”. A grande maioria, contudo, teve vida efêmera. A imprensa baiana caracterizava-se principalmente por impulsionar a arte de discussão, de formar opinião sem pretender ocultar diferenças ou partidarismos. Com isso, estabelecia, em certa medida, um terreno comum de comunicação com o seu público leitor. É o caso, por exemplo, de dois periódicos fundados por Manuel Querino - “O Trabalho” (1882) e “A Província” (1887) - os quais levantaram polêmicas com a questão social da escravidão.

A imprensa profissional, de maior circulação e longevidade, produzida por uma lógica mais empresarial, onde o “repórter” (e, com ele, um determinado “estilo” de linguagem voltado à transmissão rápida e concisa de informação) passou a ocupar uma posição proeminente. É o caso do “Diário da Bahia” (fundado em 1856), “Diário de Notícias” (1875) e o “Jornal de Notícias” (1879), os três mais importantes em termos de tiragem e circulação. Esses jornais, contudo, não conseguiram sobreviver à modernização gradativa da imprensa, às inovações sucessivas no maquinário. Pouco antes de 1920, começaram a ser suplantados por outros jornais tidos como “independentes” ou “noticiosos”, como “A Tarde” (1912). O “Jornal de Notícias” (fechado em 1920) é um exemplo do jornalismo profissional desenvolvido na Bahia

dos fins do século XIX e princípios do XX. Caracterizou-se pelas suas reportagens diversas (futebol, campeonato de regatas, festas populares, fatos da vida policial, eventos religiosos, temas relativos as atividades profissionais), além de comentários opinativos sobre política e acontecimentos locais, nacionais e internacionais (como a cobertura da Primeira Guerra na Europa, ocupando a partir de agosto de 1914 a primeira folha do jornal com ilustrações, fotos e clichês). Foi também o jornal que cedeu maior espaço à produção literária, através da publicação de folhetins⁶³ e divulgação de palestras e textos, a exemplo das tertúlias organizadas pelo Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (Carvalho Filho, 2008). Contudo, a partir de 1915, o “Jornal de Notícias” perdeu seu pendor literário e os assuntos referentes à literatura foram agrupados em uma página distinta, concorrendo com notícias mais voltada ao “público feminino” (moda, colunas sociais). Pedro Calmon (1949: 127) observa: “Foi quando o jornal se deslocou da gravidade do artigo de fundo para a vivacidade do noticiário; o imperativo da informação dominou as especulações doutrinárias; a notícia e a crônica superaram o registro frio ou o telegrama incolor; e se dividiu entre o político e o repórter”.

3. Trajetórias

De uma maneira geral, podemos inicialmente agrupar os literatos baianos do período em questão em duas grandes categorias. A primeira reúne literatos provenientes de camadas média baixa da sociedade (como no caso de Manoel Querino e Xavier Marques). O jornalismo, seus “apadrinhamentos” e suas atuações nos espaços intelectuais foram elementos importantes para a compreensão dos trajetos desenvolvidos por muitos escritores para a publicação dos seus trabalhos literários. Os outros três (Anna Bittencourt, Silva Lima e Oliveira Cardoso) são filhos de camadas sociais mais altas. Não necessitaram de “apadrinhamentos” para obter seus meios de subsistência e tampouco dependeram do jornalismo como fonte de recurso, embora tenham colaborado regularmente com artigos ou ficção nos jornais. As obras literárias desses três autores são atualmente quase desconhecidas e, conseqüentemente, pouco estudadas pelos críticos e historiadores da literatura brasileira.

Francisco Xavier Ferreira Marques (1861-1942), nasceu em Itaparica, em um lar de classe média baixa. Foi um dos escritores baianos que, na sua época, gozou de grande prestígio nacional (Salles, 1977). Escreveu vários contos e romances, sendo o mais conhecido “Boto e Cia” (1897), republicado em 1922 com o título “O Feiticeiro”. Foi dos pioneiros a trazer, nas suas obras (publicadas entre 1886 a 1936), as paisagens e personagens características de Salvador, de Itaparica e do Recôncavo Baiano. Foi um autodidata. O primário, em Itaparica, foi o seu único curso formal.

⁶³ Em 1913, o Jornal de Notícias, cujos exemplares já possuíam 12 páginas, chegou a publicar simultaneamente dois folhetins, um tomando a parte inferior da primeira página (*O Conde de Monte Cristo* de Alexandre Dumas) e outro, na última folha, *Angustias* (de autoria não encontrada).

Como primogênito, obteve um investimento familiar na sua formação. Assim que completou a maioridade (21 anos), foi enviado à capital baiana. Através da amizade com o cônego Francisco Bernadino de Souza, conseguiu lecionar em escolas primárias. Foi integrante de vários grupos literários baianos, compondo a primeira diretoria da Academia de Letras da Bahia (fundada em 1917) e membro da Academia Brasileira de Letras (em 1920).

A sua atividade cotidiana como jornalista, iniciada por volta dos 24 anos (em 1885) quando torna-se redator do *Jornal de Notícias*, prolonga-se por mais de trinta anos (*Diário da Bahia*, *Gazeta do Povo*, entre outros). Viveu praticamente do jornalismo e do cargo de oficial na Câmara. O jornal foi a porta de entrada para a sua publicação literária (poesias, contos, romances, críticas). Suas primeiras obras – a coletânea “*Simples Histórias*” (de 1886) e o romance “*Uma Família Baiana*” (de 1888) – saíram pela tipografia do *Jornal de Notícias*. Esses dois trabalhos, seguindo a trilha de Aluizio de Azevedo, exploram alguns dos pressupostos do naturalismo, como o documentarismo sensualista e desenvolvimento de teorias deterministas aplicadas à análise das relações familiares e sociais. Afeito às pugnas na imprensa, os artigos de Xavier Marques provocavam polêmicas literárias e críticas aos inícios da República, instalada em 1889. Conforme Eugênio Gomes (1969: 195), Xavier Marques definia seu papel de escritor como o de um missionário: “o escritor é um homem público. Tem uma função e um dever social”. As suas atividades jornalísticas serviram de ponte a cargos públicos, chegando a ser eleito Deputado Estadual (1915 a 1921) e Deputado Federal (1921 a 1924). Trajetória esta que contou com o apoio de influentes políticos, como o Severino Vieira (governador do Estado de 1900 a 1904) e Octávio Mangabeira (membro da Academia Brasileira de Letras e governador da Bahia entre 1947 a 1951). Em 1916, então Deputado Estadual, torna-se diretor do jornal “*O Democrata*”, sob a orientação de J.J.Seabra. Como observa Sepúlveda (2014: 90):

Traçar a progressão de Xavier Marques pela imprensa baiana é um caminho interessante para percorrer o cenário do jornalismo local e a analisar a importância deste como meio de subsistência, ainda que secundário, dos escritores brasileiros do período – única forma possível de conciliar necessidades pecuniárias com o exercício da atividade de escritor, intelectual. Anna Bittencourt (1844-1930) também fez uma importante incursão na imprensa baiana, mas, diferente de Xavier Marques, não dependeu do jornalismo como meio de subsistência. Filha de grande proprietário de terras, nasceu (1844) na Fazenda Retiro, em Itapicuru. Com dois anos de idade é transferida para um engenho, no município de Catu, aonde viveu toda a infância e a maior parte de sua juventude. Em 1907 (aos 53 anos de idade), já viúva, mudou-se definitivamente para a Capital, passando a colaborar regularmente com a imprensa diária (“*A Bahia*”, “*Gazeta do Povo*” e “*Diário da Bahia*”) e órgãos católicos, como “*A Paladina do Lar*”, “*O Mensageiro da Fé*” e “*A Voz*”, da Liga das Senhoras

Católicas. Com exceção de dois romances – “A Filha de Jephthé” (1882) e “Letícia” (1908) – suas obras literárias foram inicialmente publicadas em folhetins, antes de saírem em formato de livro.

Esquecida após a sua morte (em 1930), Anna Bittencourt é “redescoberta” em 1992, quando saiu publicado em livro, “Longos Serões do Campo”, seus cadernos de memórias da família escritos por volta de 1920, aos 80 anos de idade. Sua trajetória como literária ilustra aspectos importantes da participação feminina no mundo das letras dominado por associações e círculos destinados apenas à audiência masculina. Buscando cativar um público específico - as moças da aristocracia e da burguesia em ascensão - Anna Bittencourt desenvolveu um estilo de “romance de formação para a mulheres” (Oliveira, 2007). Seus contos e romances eram dirigidos principalmente às moças de famílias abastadas. São textos com pretensões pedagógicas, prescrevendo a manutenção dos valores familiares da sua geração, contrapondo-se muitas vezes com as novas formas de sociabilidades (e modismos estrangeiros) que surgiam nos inícios do século XX, as quais abriam possibilidade à maior exposição da mulher no espaço público. Anna Bittencourt utilizou-se amplamente das orientações pedagógicas contidas no livro “A Educação de Cora”, escrito pelo médico Lino Coutinho (1786-1836), professor da Faculdade de Medicina.

Manoel Querino nasceu em 1851 (Santo Amaro da Purificação, Bahia). Afrodescendente, órfão aos quatro anos de idade, foi criado na capital do Estado, sob os cuidados da família do bacharel Manuel Correia Garcia (professor aposentado da Escola Normal), seu tutor, conforme decisão do então juiz dos órfãos, o Conselheiro Manuel Pinto de Souza Dantas (1831 – 1894), que se tornou seu padrinho e protetor durante toda a vida⁶⁴. Em 1872 ingressou no curso de Humanidades no Liceu de Artes e Ofícios (do qual foi aluno fundador e, mais tarde, professor) e, em 1882, diplomou-se em desenho pela Academia de Belas Artes, sendo nomeado nesse mesmo ano membro do júri da exposição da Escola de Belas Artes. Segundo Antônio Vianna (1928), Gonçalves de Athayde Pereira (1932), Pedro Calmon (1949) e Maria das Graças Leal (2009), Manuel Querino entra na vida pública através da política, após o seu regresso à Bahia em 1870, quando foi desincorporado do contingente do quartel onde servia como escriturário no Rio de Janeiro. Foi militante do Partido Liberal, através do qual obteve visibilidade na vida pública através da sua militância à causa abolicionista. Sua entrada na política está muito provavelmente relacionada com a ligação que mantinha com o seu padrinho, Conselheiro Dantas. As causas republicanas e abolicionistas congregaram

⁶⁴ Liberal e abolicionista, o Conselheiro Dantas foi ministro no Império e presidente da Bahia entre 1865 e 1866. O professor, político e advogado Manuel Correia Garcia, o tutor de Querino, foi um dos principais fundadores do Instituto Histórico da Bahia, fundado em 1856 por um reduzido número de integrantes da elite local. Foi fechada em 1877. Dezessete anos depois (1894), surge o ICHB, Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.

personalidades influentes nos meios intelectuais e políticos. Querino conviveu com figuras proeminentes no cenário baiano e atuantes no jornalismo, como Virgílio Damásio, Lelis Piedade, Spinola Athayde, Frederico Marinho e Augusto Guimarães, Aloísio de Carvalho (imortalizado como Lulu Parola). Mas, cabe também destacar, a sua militância trouxe-lhe inimizades políticas que bloquearam, inclusive, a sua ascensão social, seja como político ou como funcionário público.

Aos 24 anos de idade, Querino já ocupava um papel de liderança na incipiente classe operária. Contribuiu para a fundação da Liga Operária Baiana (1874), uma das primeiras cooperativas de trabalho existentes no Brasil; participou da fundação do Partido Operário em 1890, de vida curta, e pelo qual foi indicado como candidato a Deputado Federal e representante no Congresso Operário Brasileiro, realizado no Rio de Janeiro. Foi também membro fundador do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB). A luta abolicionista, a causa republicana, a militância operária e a participação no IGHB foram suas principais vias de acesso às páginas da imprensa. Como chama atenção Guimarães (2005-2006), a participação política de Querino influenciou como via de promoção social, mas o seu reconhecimento intelectual foi mediado principalmente pela atuação nas principais páginas da imprensa e no IGHB. Sua produção literária estava voltada principalmente para descrever hábitos e costumes da classe trabalhadora, os divertimentos e práticas da faixa mediana da população, a qual ele se referia com expressões como “homens do povo”, “a gente de pouco recursos e humilde condições”, etc.

Manoel Querino teve uma participação menos intensa no periodismo que Xavier Marques. Algumas das suas obras literárias, contudo, saíram inicialmente em colunas de jornais. É o caso, por exemplo, da série “A Bahia de Outrora”, publicada esporadicamente entre março de 1913 a dezembro de 1915 no Jornal de Notícias. Dentro os cinco escritores da nossa amostra, Manoel Querino teve maior atuação no IGHB, onde grande parte da intelectualidade baiana do período passou em sua trajetória pelo mundo das letras. Fundado em 1894, o IGHB tinha por principal objetivo inserir a Bahia no cenário nacional, através da história e dos saberes produzidos pela instituição. Um espaço identificado com o cultivo das letras. Segundo Silva (2006), o esforço em manter uma instituição exclusivamente dedicada ao saber representava a aptidão do Estado para engajar-se no projeto civilizatório republicano. O IGHB era visto como uma legítima representação da modernidade nacional em curso. Como salienta Schwarcz (1991), Os Institutos Históricos Geográficos fundados em vários Estados brasileiros entre a segunda metade do século XIX e o início do século XX, dependiam do Estado, principalmente na forma de ajuda financeira. Com o federalismo republicano, tornou-se mais simples a cata de subsídios públicos, mediante negociação com os governos dos Estados. Entre seus associados, o IGHB contava com Severino Vieira (um dos

fundadores do Partido Republicano Federalista e governador da Bahia em 1900), o Arcebispo da Bahia e diversos membros da Igreja Católica.

Constituindo-se como um espaço elitista no contexto da sociedade baiana, o IGHB foi, até finais dos anos de 1940, uma das mais importantes instituição aglutinadora da intelectualidade baiana. Possibilitava aos seus membros o reconhecimento social advindo da sua identificação como elite intelectual. Nesse sentido, pertencer ao IGHB era um sinal de prestígio, de projeção intelectual, e que possibilitava excelentes contatos profissionais. Assim, atraía famílias tradicionais, algumas delas empobrecidas, que viam na filiação ao instituto uma forma de afirmar ou recompor o status individual, familiar. Embora fosse membro fundador do IGHB, Manuel Querino – negro, líder sindical, professor de desenho e funcionário público – só começou a participar na revista dessa instituição em 1905 (aos 54 anos de idade), onze anos depois da sua fundação⁶⁵. Até o ano de sua morte (1923), publicou um total de 12 artigos. Conforme Bacelar (2009), a trajetória de Querino o aproxima da figura do “mestiço cultural” que, para ocupar um lugar de destaque na sociedade, precisa forjar um universo próprios de reconhecimento social, ocupando um nicho intersticial entre a cultura de elite e a cultura popular.

José Francisco de Silva Lima, português, nasceu em 1826 e chegou à Bahia aos quatorze anos de idade. Dedicou-se inicialmente ao comércio. Depois iniciou os estudos em medicina, tornando-se uma figura muito conceituada como clínico e pesquisador de “doenças tropicais”. Juntamente com Otto Wucherer (1820-1873) e John Paterson (1820-1882), Silva Lima foi um dos pioneiros da medicina tropical no Brasil. Fundador e editor, até a sua morte em 1910, da “Gazeta Médica da Bahia”, principal veículo para a divulgação dos trabalhos desenvolvidos na Escola Tropicalista Baiana e na Faculdade de Medicina da Bahia (Carvalho Filho, 2008). Casou-se com a filha de Manuel Victorino Pereira, médico e vice-presidente da República no mandato de Prudente de Moraes (1894 – 1898). Colaborou nos jornais da cidade com artigos sobre assuntos médicos e sanitários. Foi sócio benemérito e palestrante do IGHB. Solicitado por um dos principais diretores do “Jornal de Notícias”, Silva Lima publicou em 1907 (três anos antes do seu falecimento) suas recordações dos tempos imperiais – “A Bahia de há 66 anos: reminiscências de um contemporâneo” – reeditadas em 1908 pelo IGHB. Nessas memórias, onde é forte a presença do evolucionismo spenceriano, Silva Lima se prendeu, basicamente, às impressões que a cidade de Salvador lhe ofereceu na década de 1840, quando veio de Portugal para o Brasil. Dentro dos cinco perfis intelectuais aqui estudados, ele foi o único que compreendeu a sociedade baiana do período colonial como um estágio superado da história, despertando com isso polêmicas entre críticos e público. Nesse aspecto, se distancia de certo saudosismo de Xavier Marques, da defesa aos

⁶⁵ Querino ocupou alguns cargos (secundários) como sócio do IGHB. Foi membro das comissões de Filatelia, Numismática e Cerâmica; Biografia; Manuscritos e Autógrafos.

valores tradicionais de Anna Bittencourt e da idealização positiva do passado como contraponto às injustiças sociais e a superficialidade da vida urbana de Salvador na Primeira República (Manoel Querino).

José Manuel de Oliveira Cardoso nasceu em Salvador (1865) e formou-se pela Faculdade de Direito de Recife (1885). Seguiu carreira diplomática, chegando a ser Embaixador em Lisboa (1922 – 1931), onde foi agraciado com a Grã-Cruz da Ordem Militar de Portugal (1923) e de Santiago da Espada (1927). Residiu no exterior por muitos anos; participou do círculo literário formado em torno do Itamaraty, liderado pelo Barão do Rio Branco, sendo amigo de Aluísio Azevedo, Joaquim Nabuco e Graça Aranha. A viabilização da sua escrita como autor de ficção, poeta, biógrafo, não dependeu dos periódicos baianos, dos grêmios literários, dos Institutos Histórico e Geográfico (embora tenha sido membros dos IHG do Pará, de Pernambuco e da Bahia). Foi genro do pintor Pedro Américo, de quem fez a biografia. Sua obra literária principal foi o romance “Dois metros e Cinco” (1905), escrita em Londres e editada pela prestigiosa casa editorial de H. Ganier (Berbert de Castro, 1955). Hoje praticamente esquecida (teve apenas duas edições, 1909 e 1936), mas que obteve grande repercussão na época entre a juventude de Salvador (Oliveira, 2007).

4. Remate

O presente artigo teve como objeto principal discutir uma questão do “mundo da literatura”: os “espaços intelectuais-literários”. Enquanto um trabalho situado no campo da sociologia da literatura, procuramos chamar atenção para uma questão que requer maiores considerações analíticas. São nos espaços intelectuais-literários que os escritores exercem a sua missão crítica, estabelecem redes (in)formais de comunicação. São lugares de encontro e de confluências biográficas, onde se é possível dar vazão aos anseios intelectuais, onde o literato pode manter um contato mais pessoal com vários outros atores. Nessas pequenas “repúblicas atomizadas”, a vida e arte se fundem, onde se instituem tanto uma estética literária quanto uma ética de conduta.

Mais especificamente, voltamos a nossa breve análise para a construção de alguns espaços intelectuais-literários na Bahia (Salvador) entre os fins do século XIX e princípios do XX. Procuramos compreendê-los através das trajetórias de cinco intelectuais baianos, de diferentes origens sociais e étnicas, que se constituíram como “homens de letras”. Em Salvador, no período em questão, esses espaços se instituíam em um mundo urbano que se “modernizava” em termos institucionais e tecnológicos, desencadeando nas elites uma febre de mundanismo, da qual se alimentava a vida literária. Nos fins do século XIX, o literato caracteriza-se por uma simbiose com a vida dos salões, dos cafés, das conferências e reuniões de associações intelectuais. O tipo boêmio-romântico entra em decadência e a

ascende novos tipos, como o *flâneur* e o *bom homme*. O mundo da literatura destaca-se nesse cenário. O jornal e a revista foram espaços privilegiados para a afirmação do trabalho intelectual. Em uma época marcada por altos índices de analfabetismo e com reduzido número de editoras, o jornal ocupava uma posição importante como principal meio de divulgação do produto literário. Poucos foram os escritores que publicaram suas obras literárias em formato de livro, antes de serem “testados” pelos jornais, pela recepção de seu público.

Todos os cinco intelectuais-literatos da nossa pequena amostra atuaram, de diferentes formas, em jornais. Xavier Marques é o exemplo do “homem de letras” que mais se envolveu com o jornalismo. Foi uma das suas principais fontes de subsistência. Manoel Querino – afro-brasileiro, abolicionista, republicano, militante operário – teve reconhecimento intelectual pela atuação nas principais páginas da imprensa e no IGHB. Os outros três são provenientes de camadas sociais mais altas e tiveram suas fontes de subsistência na medicina (Silva Lima), na diplomacia (Manuel de Oliveira Cardoso) ou filha de família rica (Anna Bittencourt). Para estes, a literatura tem um caráter mais diletante. São figuras já consagradas publicamente que investem nas páginas dos jornais para apresentar suas obras literárias. A partir da década de 30, muitos dos espaços intelectuais-literários instituídos nos fins do século XIX e princípios do XX perdem muito a importância que mantinham no cenário cultural baiano. Na década de 1940, a universidade passa a ocupar um espaço cada vez mais privilegiado no “mundo da literatura”. Mas, esse já é um outro assunto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Atayde Pereira, Gonçalo (1932). *Prof. Manuel Querino: sua vida e suas obras*. Bahia: Imprensa Oficial do Estado.
- Bacelar, Jefferson (2009). De Candomblés e Negros Ilustres. In Jaime Nascimento; Hugo Gama (orgs). *Manuel R. Querino: seus escritos na Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*. Salvador: IGHB.
- Becker, Howard (2008). *Los mundos del arte. Sociología del trabajo artístico*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes Editorial
- Berbert de Castro, Renato (1955). Dous Metros e Cinco. *Revista da Academia de Letras da Bahia*. Salvador, v.16: 16-21.
- Calmon, Pedro (1949). *História da Literatura Bahiana*. Salvador: Publicação da Prefeitura Municipal de Salvador Comemorativa do IV Centenário da Cidade.
- Cardoso, Luiz Antonio Fernandes (1991). *Entre Vilas e Avenidas: Habitação proletária em Salvador, na Primeira República*. Dissertação de Mestrado (Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Urbanismo e Arquitetura: Salvador da Bahia.
- Carvalho Filho, Aloísio (2008). Jornalismo na Bahia: 1875-1960. In L.G. Tavares (ed.). *Apontamentos para a história da imprensa na Bahia*. Salvador: Academia de Letras da Bahia
- Dewey, John (2004). *La opinión pública y sus problemas*. Madrid: Ediciones Morata
- Gomes, Eugênio (1969). *Xavier Marques*. Salvador: GRD.
- Guimarães, Antonio Sérgio Alfredo (2004). *Manoel Querino e a formação do “pensamento negro” no Brasil, entre 1890 e 1920*. REVISTA USP, São Paulo, n.68: 156-167.
- Heinich, Natalie (2008). *A sociologia da arte*. Bauru, SP: Edusc.
- Leal, Maria das Graças (2009). *Manuel Querino entre letras e lutas Bahia: 1851 – 1923*. São Paulo: Annablume.

- Leite, Rinaldo César (2012). *A rainha destronada. Discursos das elites sobre as grandezas e os infortúnios da Bahia nas primeiras décadas republicanas*. Feira de Santana: UEFS Editora.
- Leite, Rinaldo César (1996). *E a Bahia Civiliza-se... ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana em Salvador*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Salvador da Bahia.
- Massey, Doreen (2013). *Pelo espaço. Uma nova política de espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Machado Neto, Antônio Luiz (1973). *Estrutura Social da república das Letras: sociologia da vida intelectual brasileira, 1870-1930*. São Paulo: Grijalbo, Ed. Da Universidade de São Paulo.
- Meade, Teresa (1997). *"Civilizing" Rio. Reform and resistance Iná Brazilian city, 1889-1930*. Pensilvânia: The Pennsylvania State University Press.
- Miceli, Sérgio (2001). *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Cia das Letras.
- Needell, Jeffrey (1993). *Belle Époque Tropical: sociedade e cultura da elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Oliveira, Marcelo Souza (2007). Uma Senhora de Engenho Intelectual: Literatura, história e tipologia social em Anna Ribeiro de Góes Bittencourt (1843-1930). *Gláuks* v. 7 (1): 119-148.
- Petit Pinheiro, Eloisa (2002). *Europa, França e Bahia: difusão de modelos urbanos*. Salvador: EDUFBA.
- Rogers, Mary (1991). *Novels, novelists, and readers*. Nome lorque: State University of New York Press.
- Salles, David (1977). *O Ficcionista Xavier Marques: um estudo da 'transição' ornamental*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Schwarcz, Lilia (1991). *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Cia das Letras.
- Silva, Aldo José Morais (2006). *Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia, Salvador da Bahia.
- Velloso, Mônica P. (1996). *Modernismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas.
- Sepúlveda, Cecília A. S. (2014). *O progresso, a cidade e as letras: o intelectual e a transformação do século XIX para o XX em Salvador da Bahia*. Paris: Atelier National de Reproduction des Thèses.
- Sevcenko, Nicolau (1995). *Literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense.
- Tarde, Gabriel de (s/d). *A opinião e a multidão*. Portugal: Publicações Europa-América.
- Vianna, Antônio (1928). Manoel Querino. *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*. Salvador, v.54: 305-316.

Cecília Sepúlveda. Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia em cotutela com EHESS-Paris e Pesquisadora dos projetos: *O Imaginário Social e a Popularização da Medicina no Brasil*, UFBA-CNPq; e *Investigação Colaborativa sobre Materiais Curriculares e Educativos para as Relações Étnico-raciais baseados na História do Racismo Científico* UEFS/UFBA-CNPq. Estrada de São Lázaro, 197, Salvador-Bahia. E-mail: sepulvedacica@hotmail.com. ORCID: 0000-0002-2227-6046.

Paulo Cesar Alves. Doutor em *Social And Environmental Studies Sociology* pela University of Liverpool e Professor Titular da Universidade Federal da Bahia. Estrada de São Lázaro, 197, Salvador-Bahia. E-mail: paulo.c.alves@uol.com.br. ORCID: 0000-0002-2802-7382.

Receção: 18-11-2018

Aprovação: 24-12-2018

Citação:

Sepúlveda, Cecília & Alves, Paulo César (2018). Espaços literários e trajetórias intelectuais na Bahia (1880-1920). *Todas as Artes. Revista Luso-brasileira de Artes e Cultura*, 1(2), pp. 117-133. ISSN 2184-3805. DOI: 10.21747/21843805/tav1n2a6